



PRECISAMOS FALAR SOBRE: O TABU DA DEPRECIAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA VELHICE PELO O CULTO DO CORPO JOVEM E BELO.

Ana Catarina da Silva Nóbrega¹; Francisco Felipe Paiva Fernandes².

*Graduanda pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG¹
- anacatarina-16@hotmail.com*

*Professor Orientador pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG²
- fellipaiva@hotmail.com*

RESUMO: O artigo objetiva discutir a depreciação da sexualidade feminina na velhice sobre a ótica do culto ao corpo belo e jovem, enfatizando a importância desta discussão entre sexualidade e velhice devido a não ser apenas um tema público, mas atual, tendo em vista o retrato populacional do Brasil. Desta forma, explana-se o conceito de velhice, envelhecimento e do corpo, especialmente o feminino. A menopausa também é explanada, objetivando comprovar que não é a mesma um fator biológico que inibe a sexualidade na velhice, e sim uma fase importante no corpo da mulher, que por muitas vezes demarca a terceira idade. Este trabalho é uma análise bibliográfica e foi realizado com o uso de obras literárias, com dados da Secretaria dos Direitos Humanos, e de um filme brasileiro. Os resultados encontrados afirmaram que o culto ao belo e jovem, assim como as desigualdades entre os sexos podem ser causas dessa depreciação, além da cultura, dos discursos morais e repressores a serem contextualizados não só no biológico humano, como também no psicológico. Verificou-se que o envelhecimento é algo inerente ao homem e motivo muitas vezes de medo pelo mesmo querer prolongar sua vida e fugir da morte. Além disto, concluiu-se que a velhice é um conceito complexo com várias definições. A respeito da menopausa, reafirmou-se o objetivo de sua presença no texto, demonstrando que a sexualidade não está restrita a genitália ou ao biológico. Palavras-chave: Velhice, corpo, tabu, feminino, sexualidade.

INTRODUÇÃO

A sexualidade e o envelhecimento se qualificam como elementos e características inerentes ao indivíduo. O ser humano ao passar da fase adulta, alcança a velhice, fase está considerada umas das várias que atravessamos no nosso desenvolvimento físico e/ ou emocional. Neri (2012) salienta que o envelhecimento é um processo natural que ocorre em todas as fases e formas de vida. Todavia, ao pensarmos em corpo, em

sexualidade feminina e em velhice, nos deparamos com um tabu evidente ainda no nosso contexto social: O tabu da depreciação da sexualidade feminina durante a velhice.

Os questionamentos acerca do corpo e da sexualidade nas diferentes fases da vida são constantes, assim como seus estudos que promovem diversos artigos como este. Atualmente vivemos em um mundo em que as imagens das pessoas não podem possuir



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

marcas, e sim corpos perfeitos, sem rugas e com pele rejuvenescida. Nesse contexto, resumimos, que a culpa desta depreciação não está no corpo envelhecido, mas no culto ao corpo jovem e belo. Mucida (2009) reafirma isso quando nos ressalta que vivemos em uma cultura que valoriza o novo, seja na tecnologia, nos objetos, nas pessoas, e a tudo que esteja resumido a uma última geração.

Falar sobre este tema vai além de uma reflexão. Este pode ser um alerta. O Brasil é considerado um país de idosos pela a sua larga população, também chamada de terceira idade, que é principalmente formada de idosos. Esta população tem crescido mais em relação às outras. Em 2050 no mundo haverá mais idosos, cerca de 22% da porcentagem global no país, além de que desde 2000 até 2020 as mulheres são maioria em numero em relação aos idosos, segundo o Fundo das Nações Unidas (2016).

Apesar de toda esta discussão sobre dados populacionais, precisamos enfatizar que o Brasil necessita ainda se desmistificar do pensamento como um país de jovens, e valorizar mais a imagem do idoso como cidadão. (REIS, 2013). Desvalorizar a figura da sexualidade e do corpo da mulher idosa é ir de contra não apenas ao reconhecimento da imagem de uma cidadã, ou ao que iremos nos tornar um dia enquanto envelhecemos, mas sim, desprezar um ser humano.

Desta forma, este artigo busca discutir não sobre os mecanismos que tentam impedir o envelhecimento humano ou as marcas do “tempo”, nem muito menos colocar procedimentos estéticos em situação constrangedora, pois como coloca Mucida (2009) por muitas vezes estes são importantes para que o indivíduo consiga expressar e reconhecer o seu interior no seu exterior, ou seja, no próprio corpo. Mas sim, a busca deste artigo é discutir que a velhice, fase de inúmeros significados a serem conversados neste trabalho, possui sua sexualidade inerente assim como em qualquer outra fase da vida, e que sim, é necessário falarmos sobre este tabu que assola o pensamento de vários grupos sociais. Como enfatiza Weeks (2000), a sexualidade, é um tema importante por ser de domínio publico e por abranger não só as esferas biológicas, como também da construção social que altera a nossa concepção e o nosso modo de visualizar o corpo, o sexo e a sexualidade.

METODOLOGIA

O artigo em questão é de natureza bibliográfica. Utiliza de obras literárias, de filme brasileiro para exemplo, assim como material da Secretaria de Direitos Humanos, podendo este último ser encontrado na internet. As temáticas abordadas são a velhice, o envelhecimento, o culto ao belo e

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



seu reflexo sobre os idosos, assim como a presença da desigualdade dos sexos na depreciação da sexualidade feminina na velhice. Autores como Gerson Lopes, Ângela Mucida, David Le Breton, Emily Martin e Michel Foucault serão utilizados no desenvolvimento desse trabalho.

O corpo envelhecido, a velhice e o belo.

Definir a velhice não é tarefa fácil porque não há nenhum consenso específico sobre o que a mesma é. Ela parece atravessar os campos biológicos, psicológicos e até mesmo o âmbito moral. Para Breton (2012) trata-se da velhice como algo externo ao campo do simbólico, transgredindo os valores centrais da modernidade, o qual classifica como juventude, sedução, vitalidade e trabalho.

Mucida (2009) relata-nos que o corpo envelhece, de forma lenta, e traz consigo todas as marcas da história do indivíduo, as quais são conhecidas como singulares, apesar de sua subjetividade nunca envelhecer, pois o inconsciente é atemporal, ou seja, não mede tempo. Cronologicamente, o Fundo das Nações Unidas define a população idosa ou terceira idade como indivíduos que possuem 60 anos ou mais. (MULLER et. al, 2013) .

Breton (2012) ainda diz que a mesma é um sentimento que não se baseia de uma cifra cronológica ou em uma idade precisa, e

sim em uma soma de índices que varia do gosto de viver do sujeito. Podemos dizer que ao mesmo tempo que é difícil definir a velhice, mais ainda é complexa a sua identificação.

Todavia, reconhecer-se velho é uma característica humana. Ao nos depararmos com nós mesmos, muitas vezes só tomamos conhecimento de que envelhecemos pelo o outro. Mucida (2006) apud Beauvoir (1986) justifica isso quando reparamos que o velho é sempre o outro, pois as mudanças dos anos são inegáveis. Um exemplo claro é quando encontramos alguém que há anos não víamos, quando tomamos consciência de que o outro envelheceu ai refletimos que o tempo também passou para nós e deixou suas marcas.

A partir daí, como relatam as duas autoras (2006.1986) a velhice tem uma categoria social e para cada individuo um destino singular. Breton (2012) concorda com essa afirmação, e ressalta que a forma como se visualiza o corpo é algo essencial da influência ambiental e da história pessoal do sujeito.

Mas o que liga a velhice e o envelhecimento ao inverso do belo? Quando Oscar Wilde (2012) em sua obra “*O retrato de Dorian Gray*” demonstra a frustração de Dorian ao vislumbrar seu retrato em pintura pronto, o mesmo se revolta por saber que um dia vai envelhecer e perder a sua beleza e



juventude, reconhecida apenas após as observações de beleza e juventude feitas por Henry.

“ ‘Como isso é triste!’, murmurou Dorian Gray, com seus olhos ainda fixos em seu próprio retrato. ‘Como isso é triste! Deverei envelhecer, e ficar horrível e assustador. Mas este retrato sempre permanecerá jovem. Nunca ficará mais velho do que neste dia particular de junho... se fosse ao contrário! Se fosse como eu sempre ficar jovem e o retrato envelhecer! Por isto – por isto – eu daria qualquer coisa! Sim, não há nada em todo o mundo que eu não daria!’ ”. (WILDE, 2012. P.33).

As justificativas do belo para com a juventude e do feio para com o velho encontram-se novamente na forma como a sociedade visualiza o modelo do belo. Como ressalta Lopes (1993) em uma sociedade que há glorificação da juventude não é de se esperar a busca do rejuvenescimento, seja com a exaltação do corpo atlético ou de qualquer outro artifício, refletindo fatalmente nos problemas ligados a sexualidade.

O corpo envelhecido é visto como algo que deve ser apagado, mas também é visto como algo frágil e que pode adoecer, necessitando de uma série constante de serviços e tratamentos. O que é outro tabu, pois apesar da maior fragilidade corporal, o mesmo não é sinônimo de doença. Por conta

deste mito, a velhice torna-se álibi de todas as justificativas para limitar o idoso de fazer algo, enfatizando esta fase com a falta de desejo. (MUCIDA, 2009).

E o envelhecer segue de algo inverso ao belo para tonar-se algo temido, e incontrollável do ser humano, a morte biológica. Em conjunto com o medo de envelhecer e da velhice podemos citar o desejo do ser humano de prolongar a sua vida o máximo que puder, sendo isto resultado do medo da morte, destino de todo ser vivo, sendo a sua existência um fator que impulsiona a vida. (MUCIDA, 2009).

A nossa sociedade enaltece e cultua a juventude, enquanto que a pessoa idosa é vista como um indivíduo que avança para a morte. A velhice e a morte são anomalias, pois escapam do campo simbólico que dá sentido e valor as ações sociais, encarnando o irredutível do corpo. (BRETON, 2012).

Mas fugir do envelhecimento nos assegura mesmo um prolongamento da vida ou uma fuga da morte? Creio que não. Além disto, não nos concede nenhuma melhor qualidade de vida. Mucida (2009) enfatiza que o culto ao novo não é capaz de apagar todo o mal estar, nem mesmo este último é capaz de sanar a depressão, a angústia, a ansiedade e outros sintomas.

Olhando para o personagem de Dorian, realmente podemos concluir o quão



tenso, nebuloso e angustiante é o culto ao belo no indivíduo. Porque apesar da experiência, dos valores, ou de qualquer outro fator contra, a impressão física é a que fica na maior parte dos espaços cotidianos.

Um exemplo disso na literatura, especificamente na obra de Oscar Wilde é o destino final de Dorian Gray. Por motivos desconhecidos o personagem principal permanece jovem, todavia seu caráter e seus aspectos malévolos e duvidosos são repassados para o retrato pintado por Basil. No fim da história, Dorian visualiza o horror do retrato e conclui que a beleza não é tudo, em revolta tenta destruir o retrato e destrói a si mesmo. Ao encontra-lo morto, Dorian está irreconhecível, no lugar do homem belo e encantador está uma figura monstruosa, a mesma do retrato deitada ao chão que é apenas identificada pelos os anéis de Gray. (WILDE, 2012).

O belo e a desigualdade dos sexos na depreciação da sexualidade feminina.

Foucault (1999) em sua análise histórica da sexualidade, desde o século XVII até o século XX, traz a importância da sexualidade que por muitas vezes foi alvo de censura e silêncio, mas se mostra na linguagem e nos discursos de esfera pública, econômica, biológica, ética e política. Este por sua vez evidencia sua crítica a hipótese

repressiva, onde nota-se que não há repressão do discurso sexual e sim sua instigação nas variadas instituições de poder.

No âmbito dos sexos, Giddens (1993) nos evidencia que apesar da luta de igualdade entre o sexo feminino e o sexo masculino, ainda não existe esse equilíbrio, e a mulher fica em posição ainda de desvantagem. Na velhice, isso também se evidencia. Para a idosa se perde socialmente uma sedução que lhe pertencia durante sua juventude e frescor. Todavia para o idoso, a imagem social que lhe é empregada é que com o passar dos anos o mesmo tem uma força de sedução crescente, onde se valoriza a energia, a experiência e a maturidade. Sendo a velhice, por esse ponto de vista, capaz de marcar ainda mais a desigualdade entre homem e mulher. (BRETON, 2012).

Mucida (2009) afirma que o envelhecimento corporal impediria a atração sexual e as expressões da sexualidade, já que vivemos numa cultura que cultua o corpo jovem e belo. Mas esse culto não parte apenas dos jovens, ou da parte populacional não idosa. Ela por muitas vezes parte do próprio idoso ou idosa. Para melhor exemplificar esta questão uso o exemplo da autora (2009), quando em um dos momentos no filme “*O outro lado da rua*”, de Marcos Bernstein (2004), a aposentada e divorciada personagem interpretada por Fernanda Montenegro tem a



sua primeira relação sexual com o personagem de Raul Cortez.

No momento da relação sexual a personagem de Montenegro começa a se questionar a respeito de como poderá “fazer amor” depois de tanto tempo e logo em seguida questiona-se a respeito do seu corpo, fala sobre a cicatriz de cirurgia cesariana, das estrias, chama-se de velha. E logo depois indaga para o companheiro como poderá nessas circunstâncias retirar a roupa e se ele é cego. O personagem de Cortez pergunta qual o problema e se a mesma acha que para ele “aquilo” também era fácil. (MUCIDA, 2009 apud BERNSTEIN, 2004).

Aparenta-se socialmente que o corpo envelhecido sofreu alguma espécie de erosão, principalmente nas mulheres. Refletimos então que este último, em conjunto com a desigualdade da imagem social entre os sexos na velhice com o culto ao belo, pode sim, justificar a depreciação da sexualidade da idosa. (MUCIDA,2009).

Grande parte das idosas de hoje, dependendo também da região que descendem, quando ficam viúvas não se casam novamente. A sociedade aparenta aceitar mais facilmente o casamento do idoso, mas não da idosa. Além disto, para elas, o modelo repressivo é bastante atuante, o encontro sexual é proibido, pensar nele é próprio do imaginário jovem até certa idade

adulta, e descumprir essa proibição é um gerador de culpa para o indivíduo. É possível de fato concordar que essa imagem parece abster as idosas dos encontros sexuais, ou até mesmo de pensar que a sexualidade resume-se a apenas isso. (MUCIDA,2009).

O principal problema que tanto Lopes (1993), quanto Mucida (2006) abrangem são os tabus acerca da sexualidade da idosa. Para eles a diminuição da libido está mais em um conceito moral do que biológico. E de fato, se pensarmos que a subjetividade do indivíduo não envelhece ou que simplesmente a sexualidade não está ligada apenas a fatores biológicos, então o que a impede? As justificativas podem ser os preceitos morais e repressores.

Enfatiza-se que a sexualidade, como dito vai além do biológico, mas também atinge a esfera psicológica, ou seja, como nos coloca Lopes (1993) a sexualidade vai além da genitália, mesmo que diminua antes no corporal no que no psíquico. A idade não retira a sexualidade do indivíduo Lopes (1993) coloca que a ausência do desejo, até o aumento da libido, estão ligados mais a uma moral sexual que se interpõe ao biológico.

A menopausa é outra questão importante no âmbito dos discursos sociais e biológicos. Martin (2006) afirma que a menopausa é vista como um fracasso e atrofia, sendo muitas vezes identificada



fisicamente pelos calores, revelando algo diferente do vigor e da harmonia interior, assim como estamos acostumados a reconhecer este fenômeno como falência do fim da produção. Lopes (1993) retrata que as mulheres perdem o interesse sexual durante a menopausa não pelas diferenciações biológicas, mas pelos discursos psicossocioculturais. Há um desejo, segundo o autor, que os idosos sejam assexuados, onde se radicaliza que aos jovens pode-se tudo, aos idosos o contrário, ou o nada.

Lopes (1993) diz que a terceira idade feminina corresponde a grosso modo de idade do climatério ou menopausa, nesse estágio a cultura desvaloriza mais do que valoriza os ganhos. O que acontece biologicamente como resposta ao sexo ou aos seus preliminares é que o corpo sofre uma modificação.

Ocorre nesta fase do corpo, segundo o autor, que o aumento do clitóris, dos pequenos lábios e à lubrificação vaginal demoram a ocorrer. Há o afinamento das paredes vaginais, sendo menos elásticas, promovendo na lubrificação algumas vezes dor nas relações sexuais, todavia, não é nada que a reposição de estrógenos e até mesmo a utilização tópica de outros produtos não auxiliem ou resolvam. Entretanto, é na ausência da atividade sexual regular que aparecem os distúrbios tróficos, que por sua

vez desencadeiam os distúrbios psicossociais. (LOPES, 1993).

CONCLUSÃO

Após os estudos realizados pode-se concluir que a velhice é mesmo um tema complexo em definição, todavia, algo que deve ser visto como natural, pois é uma fase da vida. Alguns a ligam com a proximidade da morte, outros a defendem como um momento cronológico, um destino singular ou até mesmo um sentimento. Entretanto não pode ser vista como uma limitação, muito menos como sinônimo de doença.

No âmbito da sexualidade, mostra-se mais que evidente que os idosos não são assexuados. Na sexualidade feminina entendeu-se que a depreciação do corpo envelhecido ocorre devido aos discursos morais, psicossocioculturais, e do olhar social que a ela é desferida em virtude das desigualdades entre os sexos e o culto ao belo, principalmente do corpo belo e jovem. A análise da menopausa presente no texto comprova que as mudanças biológicas, precisamente as hormonais, que ocorrem nesta fase da vida não é justificativa para a depreciação da sexualidade.

A literatura e a mídia, representadas aqui pela obra de Oscar Wilde (2012) “*O retrato de Dorian Gray*” e do filme brasileiro “*O outro lado da rua*” de Marcos Bernstein



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(2004) são exemplos claros que o envelhecimento e a figura do corpo envelhecido ainda são depreciados para o público, ou até mesmo uma representação do que este público já imagina ou conclui sobre, o que deve ser visto não como uma reflexão, mas como um alerta, assim como eu havia citado na introdução desse trabalho.

Apesar dos vários avanços e dos vários estudos e programas na área, em um país que a população de idosos cresce cada vez mais, principalmente a das mulheres idosas, ainda é necessário discutir sobre os diversos aspectos da velhice, inclusive a sexualidade. Os discursos morais e repressores também se encontram neste trabalho como depreciadores, algo que o filme de Bernstein (2004) não só critica, mas desmente a assexualidade na velhice quando expõe a questão e a dificuldade dos personagens de vislumbrar o próprio corpo de maneira positiva. Este é um quadro que aparenta necessitar de várias discussões, talvez até mais aprofundadas e precisas, todavia é algo que precisamos continuar a falar sobre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2ª edição. Petrópolis,

Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. P. 223-237.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. P. 13; p.15-22.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. 13ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal Ltda. 1999.

HUMANOS, Secretaria de direitos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhecimentoonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 08 de Abril de 2016.

LOURO, Guacira Lopes (org). WEEKS, Jeffrey. BRITZMAN, Deborah. HOOKS, Bell. PARKER, Richard. BUTLER, Judith. **O corpo educado – Pedagogias da sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. P. 35-36.

LOPES, Gerson. **Sexualidade Humana**. 2ª edição. Rio de Janeiro: MEDSI - Editora Médica e Científica, 1993. P. 75 - 97.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo – Uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond, 2006. P.257-258.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece - psicanálise e velhice**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. P. 11- 223.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga - Envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. P. 109 – 144.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MULLER, Neusa Pivatto. PARADA, Adriana (Orgs). **Dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso: repertórios e implicações de um processo democrático – Ministério da Justiça, Secretaria de Direitos Humanos da presidência da República.** Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. REIS, Léa Maria Aarão. P. 107 – 116.

NERI, Anita Liberalesso. YASSUDA, Mônica S (orgs.). CACHIONI, Meire (colab). **VELHICE BEM-SUCEDIDA, Aspectos afetivos cognitivos.** 4ª edição. Campinas, SP : Papyrus, 2012. P. 13 – 28.

OUTRO LADO DA RUA, O. Direção: Marcos Bernstein. Columbia Pictures do Brasil, Brasil, 2004. 1 h e 38 min. Son, Color.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** Edição bilíngue: Português/Inglês. São Paulo: Editora Landmark. 2012.

